

**OLHA E GUARDA COMO MARCADORES DISCURSIVOS DO PORTUGUÊS E DO ITALIANO – INDÍCIOS DE MUDANÇA TRANSLINGUÍSTICA****OLHA AND GUARDA AS DISCOURSE MARKERS IN PORTUGUESE AND ITALIAN – SIGNS OF TRANSLINGUISTIC CHANGE**

Mariangela Rios de Oliveira<sup>1</sup>  
Maria Gabriella Machado Lazzarotto<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo faz uma análise contrastiva das formas *olha*, do português, e *guarda*, do italiano, na função de marcador discursivo (MD), nos termos de Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019). A análise tem perspectiva sincrônica e viés qualitativo, na detecção e interpretação das propriedades contextuais que licenciam tal funcionalidade. Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), assume-se que os MD *olha* e *guarda* indiciam o caráter translínguístico da mudança, como defendido por Bybee (2010; 2015). Tais constituintes migram do nível gramatical sentencial para o nível tético, de acordo com Kaltenböck e Heine (2014), cumprindo função procedural como MD. Os resultados até agora obtidos ratificam a regularidade com que *olha* e *guarda* são instanciados na marcação do discurso, bem como a formação de *chunks* de mesma função como em *olha só* e *guarda un po'*, respectivamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marcadores discursivos. Mudança linguística. Construção gramatical.

**ABSTRACT:** The article makes a contrastive analysis of the forms *olha*, from Portuguese, and *guarda*, from Italian, in the function of discourse marker (DM), in the terms of Heine, Kaltenböck and Kuteva (2019). The analysis has a synchronic perspective and a qualitative bias, in the detection and interpretation of contextual properties that license such functionality. Based on the Usage-based Linguistics (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), it is assumed that DMs *olha* and *guarda* indicate the translinguistic character of change, as defended by Bybee (2010; 2015). Such constituents migrate from the sentential grammatical level to the thetic level, according to Kaltenböck and Heine (2014), fulfilling a procedural function as DM. The results obtained so far confirm the regularity with which *olha* and *guarda* are instantiated in the speech marking, as well as the formation of chunks of the same function as in *olha só* and *guarda un po'*, respectively.

**KEYWORDS:** Discourse markers. Linguistic change. Grammatical construction.

## 1 Introdução

Numa abordagem funcionalista, tal como preconiza Bybee (2010; 2015), a língua é tomada como um sistema dinâmico, gradiente e adaptativo, continuamente impactado por pressões de ordem cognitiva, sócio-comunicativa e mesmo estrutural. Tal concepção implica admitir que gradiência, variabilidade e mudança são traços constitutivos da gramática, caracterizadores de sua natureza emergente. Por outro lado, as alterações que se processam nas diversas línguas não são aleatórias ou fortuitas, mas sim cumpridoras de rotas similares, basicamente devido a processos cognitivos gerais, que impactam todos os domínios da experiência humana, inclusive o da linguagem.

---

<sup>1</sup> Professora titular de Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense; pesquisadora do CNPq e da Faperj; E-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense; E-mail: mgmlazzarotto89@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7888-3988>

Orientados por tais pressupostos, elegemos como objeto de pesquisa, neste artigo, os marcadores discursivos (MD) *olha* (do português) e *guarda* (do italiano), partindo da hipótese geral de que verbos de percepção visual em enunciados de comandos derivam MD em muitas línguas. Nas línguas românicas, em particular, essa propensão é frequente, como é o caso do do verbo *olhar*, do português, como demonstrado por Oliveira e Sambrana (2020) e Sambrana (2021), e do verbo *guardare*, do italiano, nos termos de Snichelotto (2008), tal como ilustrado nos seguintes fragmentos:

- (1) **Olha**, eu confio em todos eles, eu... eu costumo assim analisar bem a pessoa quando (conheço) observo, estou atento a tudo, nos mínimos detalhes, se a pessoa teve assim com um dedinho de fora, eu vou olha aquele dedinho, tá entendendo? (PEUL).
- (2) Ehm va bene ultimissima domanda ti faccio una domanda // Anzi **guarda** faccio una cosa che non ho mai fatto perche' manca un minuto e quindi. // *Tudo bem ultimíssima pergunta// Aliás, **olha**, faço uma coisa que nunca fiz porque falta um minuto então.*<sup>3</sup> (La Repubblica)

Como podemos observar, os constituintes destacados em (1) e (2) atuam em prol da articulação textual-discursiva, fora do eixo sintático oracional. Nesses usos, o locutor convida o interlocutor a partilhar o ponto de vista referido, sugerindo que ambos comunguem da mesma inferência, como proposto em Traugott e Dasher (2002). Assumimos que esses elementos, motivados por propósitos comunicativos específicos e por certas características intrínsecas da semântica do verbo, são recrutados como MD de chamamento de atenção, atuando interacional e textualmente em diversos contextos, no cumprimento de funções pragmáticas mais específicas, configurando indício de mudança translíngua, nos termos de Bybee (2015). Como Sambrana (2021), consideramos que tais elementos atuam na regulação interacional através da manipulação do espaço de atenção idealizado virtualmente, no cumprimento de objetivos sociocomunicativos.

Assim orientados, nosso propósito neste artigo é realizar uma análise qualitativa e contrastiva, com base na comparação de contextos de uso contemporâneo de *olha* (português) e *guarda* (italiano), a partir de ocorrências mais lexicais de instanciação desses verbos até usos que exibem sua função de MD. Apoiados em Bybee (2010; 2015), consideramos que os dados aqui analisados constituem indícios de mudança translíngua, uma vez que demonstram, com base em dois verbos de semântica correspondente em duas línguas, traços formais e funcionais similares. Essa é uma hipótese a ser mais efetivamente testada na continuidade da pesquisa, mas aqui já a referimos e apresentamos.

Em termos teóricos, pautamos nossa análise na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tal como se encontra em Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e, no Brasil, em Rosário e Oliveira (2016) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), entre outros. Trata-se do viés mais recente do Funcionalismo praticado na Costa-Oeste dos Estados Unidos, que incorpora a abordagem construcional da gramática (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001) à investigação dos usos linguísticos. A partir dessa incorporação, consideramos que a língua é um inventário de construções, entendidas como pareamentos simbólicos de propriedades funcionais e formais, que compõem uma rede interconectada e articulada em relações verticais, horizontais e transversais.

Metodologicamente, procedemos a uma investigação sincrônica, com base em fontes do português e do italiano contemporâneos, num procedimento comparativo inovador em relação a pesquisas praticadas no contexto da LFCU no país. Neste artigo, apresentamos os primeiros resultados dessa investigação na forma de análise qualitativa, voltada para o levantamento e a interpretação dos contextos em que os MD referidos são instanciados e para

---

<sup>3</sup> Nos dados do italiano, inserimos a tradução em português logo após, em itálico.

a detecção dos efeitos de sentido aí instaurados. Como se trata de pesquisa em andamento, o passo seguinte será o controle quantitativo dos dados, com foco na produtividade de tais MD em ambas as línguas.

Este artigo se divide em quatro seções mais amplas e específicas. Na primeira, tratamos da classe dos MD, em que se situam nossos objetos de investigação, com destaque para o ainda pouco espaço conferido à pesquisa linguística desses constituintes e para sua natureza pragmática. Na segunda seção, voltamo-nos para os dois verbos que fornecem a base dos MD *olha* e *guarda*, suas derivações polissêmicas e tendências de mudança linguística. Na terceira, detalhamos os pressupostos teóricos que fundamentam nossa investigação, pautados na LFCU, e fazemos referência aos *corpora* analisados e ao viés qualitativo assumido. Na quarta seção, procedemos à análise dos dados, na qual comparamos instâncias de uso dos MD *olha* e *guarda*, no português e no italiano, respectivamente, em termos de correspondência e distinção de tais usos, levando em conta também arranjos complexos em torno desses verbos, como *olha só*, no português, e *guarda po*, no italiano. Por fim, tecemos considerações que sintetizam nossos resultados, no apontamento de perspectivas para continuidade da pesquisa, e apresentamos as referências bibliográficas em que nos pautamos.

## 2 A classe dos marcadores discursivos (MD)

Os MD compõem uma categoria híbrida e pouco distinta face às demais. Como elementos à margem da gramática, em termos estritos, já que se situam no nível pragmático, esses constituintes são de difícil delimitação e, por conseguinte, de difícil tratamento analítico também. O hibridismo e a indistinção referidos são atestados ainda em sua nomeação, uma vez que recebem variados rótulos nos estudos linguísticos.

Mesmo em compêndios gramaticais mais recentes do português, que contemplam resultados da pesquisa linguística contemporânea, como em Neves (2000), Bagno (2011) e Castilho (2010), os MD ocupam diminuto e periférico espaço, não sendo tratados como categoria da gramática, em termos mais efetivos. Nesses compêndios, via de regra, os MD são referidos na menção a textos falados ou tomados como desvios categoriais, notadamente na mudança linguística via advérbios.

Uma descrição pioneira dos MD no português do Brasil se encontra em Risso, Silva e Urbano (2002):

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa. (RISSO; SILVA; URBANO, 2002, p. 21).

Em sua pesquisa a partir de dados coletados em inquéritos do Projeto NURC<sup>4</sup>, os autores levantam e descrevem, em termos amplos, os MD do português falado no Brasil com base em 16 variáveis distintas: 1 padrão de recorrência; 2 articulação de segmentos do discurso; 3 orientação da interação; 4 relação com o conteúdo proposicional; 5 transparência semântica; 6 apresentação formal; 7 relação sintática com a estrutura gramatical da oração; 8 demarcação prosódica; 9 autonomia comunicativa; 10 massa fônica; 11 tipo de ocorrência

---

<sup>4</sup> Projeto Norma Urbana Culta; informações disponíveis no site <https://nurc.fflch.usp.br/o-nurc-brasil-origens>

(contiguidade/combinabilidade); 12 base gramatical (fonte); 13 sexo dos informantes; 14 local do inquérito; 15 tipo de inquérito; 16 posição (em relação à frase, ao turno, ao tópico). Risso, Silva e Urbano (2002) ratificam o caráter híbrido e complexo dos MD, destacando que se trata de uma categoria mais bem descrita com base na combinação dos 16 traços postulados.

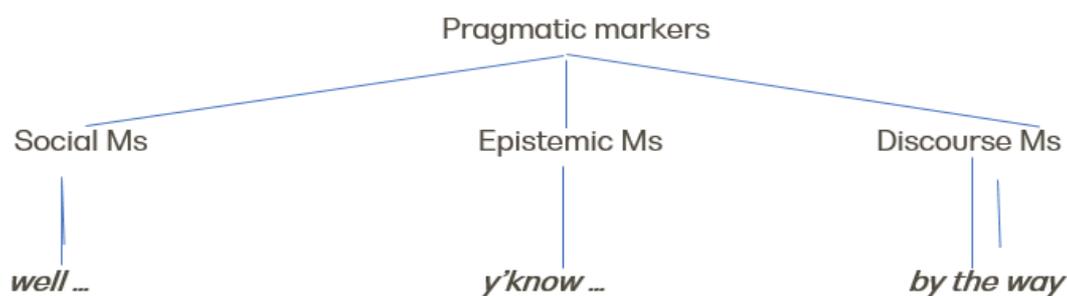
A atuação no nível pragmático-discursivos dos MD e sua gradiência é atestada também em Sambrana (2021) e Teixeira (2015), na investigação sobre a formação de MD integrados por verbo e pronome locativo na trajetória do português, com base na LFCU. A segunda autora declara que:

Marcadores discursivos, doravante MDs, são, basicamente, elementos linguísticos que atuam no plano procedural da gramática, ou seja, são constituintes não referenciais que fazem relações entre componentes/partes/itens do discurso. Ao analisarmos contextos de interação, observamos que esses elementos facilitam o processamento do discurso (...) (TEIXEIRA, 2015, p. 45)

Como podemos observar, MD são considerados como elementos a serviço da negociação de sentidos nas práticas interacionais, situados no nível pragmático da língua, com maior autonomia prosódica e invariabilidade estrutural. Neste artigo, assumimos o termo MD como Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019). Os autores consideram que esse grupo, embora híbrido, é formado por membros que partilham, ao menos, os seguintes traços: (a) invariabilidade estrutural; (b) independência sintática; (c) especificidade prosódica; (d) relacionamento de um enunciado à situação do discurso, ao papel dos interlocutores ou aos seus propósitos comunicativos. Como assumimos que o nível pragmático faz parte da gramática, em termos gerais, interpretamos os MD como elementos gramaticais da língua, no cumprimento de funções pragmáticas.

De acordo com Traugott (2021), em pesquisa a partir de dados do inglês, os MD integram a classe dos *marcadores pragmáticos*, numa categoria também híbrida e complexa, conforme apresentado na Figura 1:

Figura 1 – Taxonomia dos MD



Fonte: Traugott (2021a, p. 4).

Constatamos que os marcadores pragmáticos do inglês, sumariamente apresentados na Figura 1, têm estreita correspondência com os do português e do italiano. Dos três tipos de marcadores pragmáticos referidos por Traugott (2021) e apresentados na Figura 1, a autora destaca o terceiro, correspondente ao que considera como efetivos marcadores discursivos (MD). Trata-se de uma subfunção dos marcadores pragmáticos voltada para a “marcação de

postura”, ou seja, para a gestão do discurso, no sentido de orientar mudanças de tópico, digressões e monitorar a relevância informacional do que é declarado, entre outras tarefas, como nas instâncias de uso dos MD *olha* e *guarda*, em (1) e (2), apresentados na seção introdutória.

### 3 Olhar e guardare – polissemia e mudança linguística

Levando-se em conta os clássicos parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980), constatamos que, no português, verbos como *olhar* são menos prototípicos se comparados a verbos de ação em geral, os quais afetam seu objeto, como *chutar* ou *pintar*. Observamos que o sujeito de *olhar* é experienciador e seu objeto não sofre mudança ou impacto, ou seja, é o sujeito que passa por algum tipo de experiência cognitiva interna, sem alteração do objeto olhado. Por essas características, tais verbos tendem a sofrer maior metaforização e a perder cada vez mais as propriedades prototípicas de sua categoria, até se tornarem altamente abstratos e começarem a desempenhar outras funções gramaticais ou discursivas, como a de MD.

Desse modo, uma breve consulta aos dicionários revela esses sentidos mais “mentais” ou cognitivos para os verbos de percepção visual. *Olhar*, por exemplo, de acordo com o Dicionário *on line* Oxford<sup>5</sup>, além do significado mais concreto de “dirigir os olhos para mirar, fitar”, apresenta também os sentidos de “observar atentamente; examinar, sondar”, “avaliar, considerar”, “prestar atenção a considerar”.

*Guardare*, do italiano, conforme o Dicionário *on-line* Garzanti<sup>6</sup>, também apresenta, além de seu significado mais concreto de “volgere, fissare lo sguardo su qualcosa o qualcuno”<sup>7</sup>, outros sentidos mais metaforizados, como “esaminare, considerare con attenzione”, “rivolgersi con la mente, pensare a”, “tener presente, considerare”<sup>8</sup>.

Esses valores mais abstratos do italiano, segundo o Dicionário Garzanti, ensejam construções como “guarda un po’!” (exclamação de surpresa, estupor, irritação etc), “guarda che...” e “guarda, guardate” (chamamento de atenção sobre o que se está para dizer), “guarda se...” (marcação polêmica de um fato, uma situação etc). Nesses usos, *guarda* já começa a se afastar da concepção de verbo pleno, perdendo alguns dos traços mais prototípicos de sua categoria, como significado mais concreto e objetivo, e assumindo sentidos diversos, como chamamento de atenção, na formação de pareamentos mais vinculados em termos semântico-sintáticos (*guarda un po, guarda che*).

No português, o verbo *olhar* é subparte de construções como *olha lá*, com sentido de dúvida e advertência, por exemplo, na qual verbo e advérbio estão esvaziados de seus sentidos plenos, não sendo possível, portanto, recuperar as acepções de “olhar” e “lá”, como demonstra Sambrana (2021). De acordo com a autora, esses novos constituintes assumem papel procedural, ao regular a interação por intermédio da manipulação do espaço atencional idealizado virtualmente para fins sociocomunicativos.

Assim, em ambas as línguas, observa-se “um duplo deslocamento: desbotamento de conteúdo semântico com ganho pragmático-discursivo e mudança gradativa de estatuto categorial de verbo a MD” (SCHINELOTTO, 2008, p.7). Essa trajetória de mudança translinguística corresponde, nos termos de Kaltenböck e Heine (2014), à passagem do nível gramatical sentencial para o nível tético, uma vez que *olhar* e *guardare* se destituem das marcas verbais prototípicas, deixando de atuar como núcleo de predicado verbal, e passam a funcionar

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/oxford/>

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.garzantilinguistica.it/>

<sup>7</sup> No português: “direcionar, fixar o olhar sobre algo ou alguém”

<sup>8</sup> No português: “direcionar, fixar o olhar sobre algo ou alguém”

como elementos organizadores do discurso, em prol da articulação de sentidos mais abstratos, intersubjetivos e situacionais, voltados para articulação inferencial.

Conforme indicam diversas pesquisas (SAMBRANA, 2021; OLIVEIRA; SAMBRANA, 2020; TEIXEIRA, 2015, entre outras), *olha* no português, como conector ou como marcador discursivo, pode formar *chunks*<sup>9</sup> com outros itens gramaticais, como é o caso de *olha só, olha lá, olha aqui, olha bem, mas olha* etc. Esses MD desempenham diversas funções e fornecem diferentes interpretações em contextos específicos. Assim, por exemplo, *olha só*, devido à presença do afixoide<sup>10</sup> “só”, pode apresentar foco restritivo em relação a uma dada informação. *Olha aqui* configura-se com um “marcador repreensivo-asseverativo” (TEIXEIRA, 2015, p.44) e tem o sentido semântico e pragmático de “determinação incisiva da ‘intensidade’ da atenção a ser ativada pelo interlocutor” (TEIXEIRA, 2015, p. 44); o afixoide “aqui” tem o sentido “de proximidade exata, sugere intimidade, rispidez e pontualidade” (TEIXEIRA, 2015, p. 44). *Olha lá* caracteriza-se como um “marcador repreensivo-advertido” (TEIXEIRA, 2015, p.44) e tem o sentido semântico e pragmático de “acrescentar censura e distanciamento” (TEIXEIRA, 2015, p.44); o afixoide “lá” “sugere imprecisão: algo que não se quer falar contundentemente” (TEIXEIRA, 2015, p.44).

No italiano, observamos que o MD *guarda* é favorecido nos contextos de<sup>11</sup>: I) dúvida em relação ao falante (posição inicial); II) significado adversativo (posição inicial); III) intenção do falante em tomar o turno (posição inicial); IV) introdução de discurso reportado (posição inicial); V) introdução de novo tópico (posição medial); VI) falante encontra-se numa situação embaraçosa da qual deseja sair rapidamente (posição final); VII) surpresa por parte do falante (ocorre sozinho).

Segundo Lo Baido (2019), o MD *guarda* parece ter se especializado em expressões de var enfático que explicitam a postura do falante, contribuindo para reforçar a posição argumentativa do falante. Também serve de solicitação do ouvinte de um pedido de validação ou de ratificar a veracidade de uma afirmação. Ainda segundo a autora, o MD *guarda* desempenha, em outros contextos, função sequencial, ligada aos processos de estruturação do discurso em seções (abertura, fechamento, retomada de um tópico diferente). Por fim, verifica-se para esse MD a função interacional, típica dos marcadores de chamamento de atenção.

Ghezzi (2012) distingue, no italiano, os marcadores metatextuais/discursivos dos marcadores interpessoais/interacionais. A autora insere *guarda* dentro do segundo grupo e aponta que esse MD, em termos de frequência de uso, é o segundo mais utilizado no desempenho de funções pragmáticas. Por outro lado, afirma também que é notório o uso de *guarda* com sentido referencial ou em contextos difusos. Assim, nesse ambientes textuais difusos, a pesquisadora sinaliza a alta incidência de *guarda* em esquemas como [(ma) + v + che]<sup>12</sup>. Em relação à tipologia textual, Ghezzi (2012) identifica maior incidência de *guarda* em conversações telefônicas e, de modo geral, em contextos informais. A autora, assim como Lo Baido (2019), observa que *guarda* parece estar se especializando na função de MD de chamamento de atenção e também identifica diversas posições que esse MD pode ocupar: início de turno, no interior do enunciado e em fechamento de turno.

Molinelli (2013) chama a atenção para o fato de que as funções desenvolvidas por *guarda* variam de acordo com a sua posição no enunciado. Assim, por exemplo, em início de

<sup>9</sup> Conforme Bybee (2010), *chunks* correspondem a agrupamentos de sequências tomadas como um todo de conteúdo e forma; o *chunking* é um processo cognitivo de domínio geral e tem grande correspondência com a concepção de construção, nos termos de Goldberg (1995; 2006).

<sup>10</sup> Conforme a morfologia construcional, *afixoide* é um constituinte semelhante a um afixo, partilhando algumas propriedades dessa classe. Na LFCU, afixoide são tomados como subpartes periféricas de uma construção.

<sup>11</sup> Em virtude do espaço deste artigo, não trazemos dados de tais observações, que conjugam a funcionalidade de *guarda* a sua ordenação na cláusula.

<sup>12</sup> A ilustração desse uso se encontra na seção de *Análise de dados* deste artigo, no fragmento (18).

turno, pode atuar no chamamento de atenção; em posição medial, pode servir de “quotativo”; já na posição final, pode adquirir valor modal, intersubjetivo e expressivo, no sentido de enfatizar a avaliação do falante a respeito do que foi dito antes. De modo semelhante, a Enciclopédia on-line Treccani<sup>13</sup> aponta que *guarda* não tem posição fixa, podendo aparecer no início, no meio ou no final do enunciado e que em cada caso seu valor pragmático pode mudar. Por exemplo, em início de frase é típico a função de chamamento de atenção, enquanto que ao final é comum expressar um reforço do que foi dito.

#### 4 Fundamentação teórica e metodologia

Na pesquisa dos MD aqui apresentada, pautamo-nos no aparato teórico da LFCU. De acordo com Rosário e Oliveira (2016) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), nessa perspectiva teórica, os usos linguísticos são tomados como instâncias de construções (GOLDBERG, 1995; 2006), ou seja, de pareamentos de forma e conteúdo. Tais pareamentos, por sua vez, são convencionalizados no meio social pela atuação da frequência de uso e de processos cognitivos de domínio geral, como postula Bybee (2010), sob pressão de ambientes discursivos específicos.

De acordo com esse arcabouço teórico, a gramática passa ser considerada de forma holística. Trata-se, conforme Traugott e Trousdale (2013), de um sistema de conhecimento linguístico hipotético que inclui não só morfossintaxe, semântica e fonologia, mas também pragmática e funções discursivas. Nesse sentido, podemos dizer que, para a LFCU, padrões de uso são motivados por três fatores distintos e complementares: a) os estruturais, atinentes à própria configuração construcional da gramática; b) os cognitivos, referentes aos processos de domínio geral (BYBEE, 2010; DIESSEL, 2017) e aos mecanismos de metonimização e metaforização (TRAUGOTT; DASHER, 2002) que impactam formas de dizer; c) os pragmático-discursivos, relativos às propriedades contextuais e cotextuais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) que moldam a interação.

Nesse sentido, podemos considerar os MD aqui pesquisados como construções específicas, também nomeadas de microconstruções, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Trata-se de *types* de tipo gramatical, uma vez que cumprem função procedural, voltada para a articulação discursiva, no nível pragmático da língua. Traugott e Trousdale (2013) codificam o pareamento construcional como [[Forma] <---> [Conteúdo]], em que a seta bidirecional faz referência à relação biunívoca entre forma e conteúdo, com nova sintaxe, morfologia e conteúdo, e os colchetes externos representam um indicador de que o pareamento é uma unidade convencionalizada.

Uma outra versão da composição construcional se encontra em Croft (2001), em que o autor define a construção como o elo de correspondência simbólica entre propriedades de forma (sintáticas, morfológicas e fonológicas) e de conteúdo (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Os MD aqui tratados representam microconstruções organizadas na base dessa vinculação, e o recrutamento de formas verbais de modo imperativo concorre para o desencadeamento de polissemia, abstração e inferências intersubjetivas.

Em Tantucci (2018), destacamos o refinamento da intersubjetividade, que passa a ser considerada na base da distinção entre: a) significados que são objetivamente selecionados, levando em consideração as reações potenciais do ouvinte ao que é dito; b) significados que incluem uma terceira pessoa mais ou menos genérica, que funciona conceitualmente como portador social do enunciado. Os primeiros significados são definidos como imediatamente intersubjetivos, precedendo os segundos na trajetória da mudança linguística. Dessa concepção,

<sup>13</sup> Disponível em <https://www.treccani.it/enciclopedia/>

adotamos a consideração da intersubjetividade como gradiente, partindo de pressões mais efetivas e objetivas do locutor sobre o interlocutor e chegando à intersubjetividade estendida. Nesse sentido, consideramos que os MD, no nível gramatical tético e portadores de conteúdo procedural, atuam como instrumentos desse segundo tipo.

Também nos valem de alguns dos processos de domínio geral (BYBEE, 2010), os quais consideramos os mais pertinentes em nossa análise. Um deles é o *chunking*, referente ao agrupamento semântico-sintático de padrões de uso, em que elementos muito reiterados passam a constituir um todo, uma só unidade veiculadora de conteúdo específico e convencionalizado. Outro processo que nos interessa é a categorização, correspondente à tendência de agrupamento de elementos por similaridade, a partir de nossa experiência social e histórica; pela categorização, distribuímos tudo que conhecemos em classes, inclusive o conhecimento linguístico, que se distribui em funções sintáticas e classes de palavra, por exemplo. Ressaltamos, como Bybee (2010), que esses processos estão situados em um *continuum* e que, portanto, são gradientes, de modo que existem graus de autonomia para os *chunks* e que os membros das categorias nem sempre são passíveis de uma categorização discreta, podendo compartilhar traços, por exemplo, ou sofrer mudança categorial, a depender das experiências linguísticas.

Conforme a mesma autora, adotamos a metáfora das dunas de areia e a concepção da língua como um sistema adaptativo complexo, com base em sua regularidade, variação e dinamicidade. Assumimos que as tendências e os resultados da mudança linguística apresentam regularidade e que estes processos comuns constituem evidência translinguística, derivada justamente dos processos cognitivos de domínio geral. Assim, os MD aqui tratados ilustram, no português e no italiano, a regularidade da mudança translinguística.

Em termos metodológicos, consoante a LFCU, partimos de dados de uso efetivo do português e do italiano contemporâneos. Para o português, trabalhamos com dados do *corpus* elaborado por Sambrana (2021), que empreende extensa pesquisa sobre a origem e os padrões de uso de MD específicos e complexos formados por *olhar* e *ver* na língua portuguesa. Em relação aos usos contemporâneos, a autora coleta dados em *corpora* como Discurso & Gramática (D&G), Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC), *Corpus* do Português (CP) e Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL)<sup>14</sup>. Lidamos também com dados oriundos das pesquisas de Rost (2004), Barbosa (2019) e Rosário e Sambrana (2021).

Para o italiano, utilizamos nesta fase da pesquisa o *Corpus La Repubblica*<sup>15</sup>, que consiste em um arquivo jornalístico publicado diariamente, com seções variadas que incluem política, moda, esporte, economia, cultura e saúde, entre outras. Apesar de se tratar de um banco de dados que possivelmente favorece usos mais lexicais e concretos do verbo *guardare*, a opção por essa fonte nesta fase da pesquisa se dá devido a sua extensão e representatividade. A busca, então, é feita pela forma *guarda*, a qual representa a flexão do verbo na segunda pessoa do singular do modo imperativo ou na terceira pessoa do presente do modo indicativo.

Em abordagem qualitativa, selecionamos dados do português e do italiano buscando sempre que possível compará-los quanto à configuração e à função. Analisamos seus traços correspondentes, a fim de atestar a tendência translinguística aqui assumida, e também observamos as diferenças que emergem, motivadas por especificidades de cada língua. Orientamo-nos por Cunha Lacerda (2016), para quem, na pesquisa qualitativa, é preciso que o investigador ofereça uma descrição detalhada do objeto em análise e que considere o contexto

<sup>14</sup> Disponíveis em:

*Corpus* D&G <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/corpus.html>;

*Corpus* NURC: <http://www.letas.ufrj.br/nurc.rj/corpora/mapa.html>;

CP: <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>;

PEUL/RJ: <http://www.letas.ufrj.br/peul/amostras%201.html>;

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.repubblica.it/>

em que o objeto é usado, levando em conta os sentidos que emanam a partir dos dados, sem partir de pressupostos interpretativos.

## 5 Análise dos dados

Apresentamos aqui nossa análise qualitativa, buscando abordar contrastivamente os dados de uso do português e do italiano. Essa análise parte de usos mais lexicais dos verbos em estudo e se concentra nos contextos em que tais dados exibem função de MD. Apontamos correspondências entre os MD *olha* e *guarda* e, de outra parte, destacamos algumas especificidades desses itens, com foco também em pareamentos semântico-sintáticos em torno dos mesmos que ocorrem em cada uma das línguas:

(3) **Guarda** le barche che dondolano, vecchie e arrugginite, e dice: ‘Si potrebbero spostare nel porto nuovo, risanare l’ area, attrezzarla e farne un angolo di paradiso per i velisti (...)/ *Olha os barcos que balançam, velhos e enferrujados, e diz: “Poderiam ser movidos para o porto novo, limpar a área e fazer dela um canto de paraíso para os velejadores”*. (La Repubblica)

(4) Ao checar as imagens de monitoramento da escola, a professora confirmou a suspeita de que havia sido furtada. # O vídeo mostra a mulher entrando por o portão da escola e, em seguida, indo até a sala dos professores onde a bolsa de a professora e de outros servidores estão em cima de uma mesa. # A mulher entra no ambiente, **olha** os objetos e sai. Em seguida, volta, abre a bolsa professora e leva a carteira. (CP: Now, BR 18.12.11)

Observamos em (3) o uso do verbo *guardare* em seu significado mais lexical de “volgere, fissare lo sguardo su qualc o qualc” (direcionar, fixar o olhar sobre algo ou alguém), o que é reforçado pela presença explícita de um objeto direto concreto (*le barche/os barcos*). Há também no exemplo a descrição desse objeto direto (*vecchie e arruginite/ velhos e enferrujados*), o que reforça ainda mais o apelo ao sentido da visão, numa referência mais concreta. Em (4) também verificamos o uso do verbo *olhar* em seu sentido mais lexical de “fixar os olhos em alguma coisa”. O verbo, além disso, é sucedido pelo objeto direto “os objetos”, algo concreto sobre o qual a visão recai.

(5) “Vidi qualcosa di anomalo, una chiazza scura, di forma irregolare. No sapevo cos’era. Nel frattempo un signore mi stava gridando: ‘**Guarda** le barche...**guarda** le barche’. Allora ho visto che non erano più allineate come al solito, come prima, ma erano scomposte...’/ *Vi algo de anormal, uma mancha escura, de forma irregular. Não sabia o que era. No meio tempo, um senhor estava me gritando: “Olha os barcos...olha os barcos”*. Então vi que não estavam mais alinhadas como de costume, como antes, mas estavam descompostas. (La Repubblica)

(6) “Eu vi quando a água apontou, eram cinco horas da tarde quando a água começou a chegar ali e eu saí correndo pelo edifício todo gritando: ‘**Olha** a enchente, **olha** a enchente, **olha** a enchente.’”. (Rost, 2004)

No fragmento (5), o verbo *guardare* já começa a se afastar um pouco de seu uso lexical. Apesar de selecionar ainda um objeto direto (*le barche/os barcos*), e, portanto, acionar também o significado primeiro de “olhar para algo”, há também uma exortação do locutor a seu interlocutor. A injunção está indicada pelo uso do imperativo em P2 e tem a função de chamar a atenção para algo que está acontecendo (inclusive por meio da repetição de “olha a enchente”): um incidente com os barcos causado por uma tempestade. Nesse caso, o verbo *guardare* apresenta certa ambiguidade e gradiência, encontrando-se em um contexto de ambiguidade, entre verbo pleno e trajetória de MD. De modo semelhante, *olha* no fragmento

(6) já se afasta um pouco do seu uso lexical. O verbo ainda seleciona um objeto direto, “a enchente”, mas participa de um contexto em que há uma exortação do falante para que o ouvinte preste atenção a algo que está acontecendo no ambiente situacional (inclusive pela repetição de “olha a enchente”), uma calamidade a qual requer atenção. Aqui também é o caso de um uso semanticamente ambíguo do verbo *olhar*, no qual constatamos certa gradiência entre verbo pleno e MD.

(7) \*\*\* Bianca Berlinguer: "Grazie agli ospiti, dovete uscire da questa parte." Paolo Mieli: "**Guarda che** lo sappiamo meglio di te da dove si esce."/ *Olha que sabemos melhor do que você por onde se sai* (La Repubblica)

(8) “Explica lá como é que estavas à espera de ter muitas observações de telescópios, câmaras de alta definição? Quanto a os satélites tens uma observação. **Olha** que não existem assim tantos satélites quanto tu pensas com as câmaras apontadas para o planeta.” (CP: Now, PT 19-06-28)

*Guarda*, em (7), aparece associado à partícula *che*, introduzindo um objeto oracional. Portanto, ainda preserva certos traços da categoria de verbo, já que está integrado na sentença e seleciona um complemento. No entanto, esse complemento já não é um objeto concreto para o qual a visão deve recair, mas um fato a ser considerado pelo ouvinte. Constatamos que, em contextos como (7), *guarda* chama a atenção do ouvinte para a informação que se segue e tem a função de contestar ou contrariar uma informação trazida pelo ouvinte, corrigindo-o ou "convidando-o" a reconsiderar sua posição, atitude etc., o que traz maior intersubjetividade à interação. Também em (8) temos algo semelhante: verbo *olhar* em associação à *que* introduz um objeto oracional, que, por sua vez, não é algo concreto, mas alguma informação dada. *Olha que*, nesse contexto, chama a atenção do ouvinte para a informação que se segue e tem a função de contrariar ou contestar o ouvinte, "convidando-o" a reconsiderar sua fala ou corrigindo-o a respeito de sua colocação, revelando grau maior de intersubjetividade nesse contexto.

(9) “Ma alla prossima volta vieni anche tu a consegnare?” - Ha proseguito il pentito - ‘perché l’altra volta c’è stata un’altra persona’. Io gli ho detto: “**Guarda**, non lo so.”/ ‘*Mas da próxima vez vem você também a entregar?*’ – *proseguiu o arrependido* – ‘*porque da outra vez veio outra pessoa*’. *Eu lhe disse*: “**Olha**, não sei.”” (La Repubblica)

(10) “**Olha**, eu confio em todos eles, eu... eu costumo assim analisar bem a pessoa quando (conheço) observo, estou atento a tudo, nos mínimos detalhes, se a pessoa teve assim com um dedinho de fora, eu vou olha aquele dedinho, tá entendendo?” (PEUL)

Em (9), constatamos que *guarda* é instanciado como MD. O constituinte se apresenta em início de turno seguido por vírgula, portanto, independente sintaticamente. Ademais, é utilizado para chamar a atenção do ouvinte para o conteúdo exposto pelo falante e introduz uma dúvida por parte deste, ou um menor comprometimento com o ouvinte. Logo, o foco recai sobre o comportamento do falante e sua ação sobre o ouvinte, num contexto altamente intersubjetivo e mais abstrato, remetendo a porções do discurso. Em (10), no português, temos *olha* como um novo pareamento de forma e significado em relação a seu uso como verbo pleno na língua: apresenta-se também em início de fala sucedido por vírgula e funciona como chamamento de atenção para o que será exposto, como assumido também por Sambrana (2021). Nesse contexto, o MD expõe critérios elencados pelo falante para que possa confiar em alguém, revelando, portanto, certa desconfiança. Mais uma vez, o foco recai principalmente sobre a atitude do falante do que na interação em si, logo, trata-se de um contexto de intersubjetividade estendida, nos termos de Tantucci (2018).

(11) “Ehm va bene ultimissima domanda ti faccio una domanda // Anzi **guarda** faccio una cosa che non ho mai fatto perché manca un minuto e quindi.” // *Tudo bem ultimíssima pergunta// Aliás, **olha**, faço uma coisa que nunca fiz porque falta um minuto então.* (La Repubblica)

(12) Coloquei um colher...uma colher de cloreto de sódio...foi um fogaréu tão grande...foi uma explosão... Quebrou todo o material que estava exposto em cima da mesa... eu branca... eu fiquei... **olha**... eu pensei que eu fosse morrer sabe... (D&G Natal)

No fragmento (11), o uso tético de *guarda*, nos termos de Kaltenböck e Heine (2014), se assemelha a um MD: apesar de não estar isolado por vírgulas, encontra-se independente e pode ser retirado do enunciado sem prejuízos sintáticos. Nesse contexto, *guarda* concorre na reorganização do discurso. A orientação, então, está mais voltada para a estruturação do texto do falante, mas *guarda* ainda preserva o sentido de pedir a atenção do ouvinte para o que vem sendo dito e que tem relevância no ato comunicativo: algo inédito a ser realizado. No fragmento (12), temos *olha* como MD, contemplando as propriedades dessa categoria propostas por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019). Aqui, o MD serve para reorganizar o trecho “eu fiquei/eu pensei”. A orientação também está, portanto, mais centrada no falante. Por outro lado, esse uso chama a atenção do ouvinte para a informação que se segue, a qual merece importância: um evento extremo, achar que ia morrer.

(13) “Si può parlare di una ‘prima guerra della pizza’? Be', noi facevamo parte dell'Arca del Gusto Slow Food perché usavamo il pomodorino del «piennolo dop», che all'epoca nessuno conosceva. Molti colleghi avevano da ridire, ma poi – **guarda un po'** – come per magia i pomodorini sparivano dal mercato.” / *Se pode falar de uma “primeira guerra da pizza?” Bem, nós fazíamos parte da Arca do Gosto Comida Lenta porque usávamos os tomatinhos do «piennolo dop», que na época ninguém conhecia. Muitos colegas davam risadas, mas depois – **olha um pouco** – como por magia os tomatinhos sumiam do mercado* (La Repubblica, 2021).

(14) “E a espera na sala de embarque? Ah, a espera. Morte certa. Não consigo ler, não consigo escrever, só esperando o momento de entrar naquele cilindro metálico que pesa toneladas e que, **olha só**, sai do chão! Tudo que já li a respeito parece que não existe. Não há provas boas o suficiente de que voar naquilo ali é uma boa ideia. Sempre gosto de ser o último a entrar no avião, em uma vã tentativa de ficar o menor tempo possível fora dele. Como se adiantasse alguma coisa...” (Barbosa, 2019)

Em (13), *guarda* vem associado a “un po'” formando com ele um *chunk*. Esse pareamento é tomado como um bloco semântico-sintático. O sentido literal de “olha um pouco” se perde em favor da criação de uma nova interpretação: a expressão de uma surpresa, de estupor, incredulidade. Esse *chunk*, ao mesmo tempo que chama a atenção do interlocutor por meio de *guarda*, também adiciona uma pausa por meio do afixoide “pouco”, o que reforça a intenção de reter a atenção do ouvinte por um determinado espaço de tempo. A ideia de pausa vem ainda reforçada por travessões. Nesse contexto, *guarda un po'* atua a nível textual-discursivo, fornecendo pistas sobre como se deve olhar para a informação que se segue ao MD, num contexto intersubjetivo. Em (14), algo semelhante ocorre: *olha só* também é um *chunk*, um bloco único de forma e sentido. O MD também aqui aparece entre vírgulas, estabelecendo uma pausa antes de acrescentar a mensagem para a qual se deve ter a atenção voltada. *Olha só*, então, chama atenção do ouvinte para uma informação contida no texto do falante e veicula o sentido de estupor, surpresa, incredulidade: o fato de algo tão pesado como um avião sair do chão. Do mesmo modo que no italiano, *olha só* atua em nível mais textual e exemplifica intersubjetividade estendida (TANTUCCI, 2018).

Nesses dois últimos exemplos, observamos uma mesma estratégia contextual, ou seja, a progressão textual é articulada junto à chamada de atenção. Em ambas as línguas, tal

articulação vem expressa por meio de um *chunk* em que *guarda/olha* se vinculam a um afixoide. Em italiano, a estratégia seleciona o advérbio “pouco” enquanto que no português o advérbio “só” é recrutado. Ambos os afixoide têm a função de focalizar a informação sucessiva, um por meio de uma ideia temporal, outro por meio de um foco restritivo. A distinção ocorre apenas em relação ao item que cada língua seleciona para formar o *chunk*.

A seguir, apresentamos mais alguns dados do português, os quais já foram levantados e sistematizados por Barbosa (2019) e Rosário e Sambrana (2021). Assim, encontramos no português ocorrências em que o *chunk olha só* vem acompanhado pelo comparativo “como”, conforme em (15):

(15) UPDATE! Ele não saiu de linha não, existe, chega e acaba por aqui, mas vale a pena tentar! **Olha só como** é diferente o efeito do *make* no camarim e na passarela: (Barbosa, 2019)

Segundo Barbosa (2019), a sequência destacada em (15) tem a forma [verbo *olhar* no modo imperativo em P2 + só + oração encaixada avaliativa], cuja função é “chamada de atenção com foco restritivo à avaliação do locutor apresentada na encaixada (catafórico) e referente a um elemento do discurso.” No italiano, será preciso investigar se temos sequências do mesmo tipo, uma vez que encontramos preliminarmente alguns dados como o registrado abaixo, em que detectamos alguma semelhança, como em:

(16) Non dimentichiamo che nel Ventesimo secolo, di tutte le rivoluzioni, di tutti i capovolgimenti, il più importante da un punto di vista della vita umana è stato quello che ha portato a un mutamento nella vita delle donne. **Guarda come** è cambiata l'educazione dei figli, l'educazione dei giovani. / *Não esqueçamos que no século vinte, de todas as revoluções, de todas as mudanças, o mais importante, do ponto de vista da vida humana, foi aquela que trouxe mudança na vida das mulheres. Olha como mudou a educação dos filhos, a educação dos jovens.* (La Repubblica)

Em (16), apesar de *guarda* não formar um *chunk* tão evidente como no português, até porque nesta língua temos “olha só”, como ilustrado em (15), tal expressão está em P2 e é seguida do comparativo “come”. Sua função é a de chamar a atenção do ouvinte para a informação que se segue no texto, a qual contém uma avaliação do falante sobre a mudança na vida das mulheres de um tempo para cá.

No português, Rosário e Sambrana (2021) tratam da construção conectora contrastiva “mas olha”, observando que, além de funcionar como MD de chamamento de atenção, “mas olha” serve também para conectar sequências ou proposições discursivas sinalizando contraste, como em:

(17) Antes de mais nada, queria esclarecer uma coisa: é claro que eu confio em o seu taco. Eu sei que você é um cara experiente, bom de cama, cê é foda, na cama cê esculacha, na sala ou no quarto, cê é sinistro etc etc etc. Quem sou eu pra vir dar pitaco na sua arte de passar o rodo nas meninas, né? **Mas olha...** Eu tenho a seguinte teoria: algumas coisas na vida jamais serão excessivas. Inclua aí nessa lista dinheiro, bons amigos, conhecimento, almoço na casa da vó, saúde e peitos. Eu até incluiria aí na lista a cerveja, mas lembrei do povo depressivo nas reuniões do AA e mudei de ideia. (ROSÁRIO; SAMBRANA, 2021, p. 223)

Em italiano, como vimos na seção de revisão da literatura, um esquema frequente em que *guarda* pode aparecer junto à conjunção contrastiva *ma* é o ((ma) guarda che), como a seguir:

(18) Hell Raton a Livorno avrebbe detto a Gramsci: "Sicuro che ti convenga la scissione? Magari per un po' venderai bene, **ma guarda che** alla lunga il pubblico preferisce Turati" / *Hell Raton em Livorno teria dito a Gramsci: "Sicuro que te conviene a cisão? Talvez por um pouco venderá bem, **mas olha que** a longo prazo o público prefere Turati."* (La Repubblica)

Em (18), temos *guarda che* na função de chamamento de atenção para uma opinião expressa pelo falante. Essa opinião, no entanto, contrasta com a ponderação realizada antes. Desse modo, a dúvida sobre a divisão funcionar por um tempo é rebatida a seguir por meio de “ma”, que relaciona as sequências estabelecendo contraste: a longo prazo não funcionaria.

Por fim, pesquisas do português, como as de Teixeira (2015) e Sambrana (2021), também identificam os MDs *olha aqui* e *olha lá*, como podemos verificar em:

(19) Vou falar pra vocês, este botequim e es-ta zona... não são tão sórdidos quanto essa merda de guerra que nós estamos lutando! E tenho dito, pronto, tá acabado! - Cacete, o japonês tá bêbado. Vamos embora pessoal, disse Fábio. - **Olha aqui**, bêbado é o caralho, porra. Tô falando a verdade... Fábio, aliás, o saudoso tenente Neuman, era alto e forte. pegou o japonês com vigor e levou-o para a abreviatura (Romance: *Xambioá: Guerrilha no Araguaia*, XX)

(20) ... avisamos quantas pessoas são... e tudo... eh... vamos no banco normalmente... pra... pra depositar o dinheiro... tem que depositar com antecedência... se não não recebe desconto... vamos no banco... eh... fazemos de tudo... e a partir daí... no dia... a gente marca o local... certo... espera o pessoal chegar... e vai colocando pra dentro... do ônibus... né? **olha lá**... vai botando... pra dentro do ônibus ... e no caminho a gente vai comentando tudo... os cuidados... vai comentando... vai... fazendo brincadeiras... (D&G, Niterói)

Em (19) e (20), os MD destacados estão isolados sintaticamente e podem ser retirados sem prejuízos estruturais, embora se percam sentidos de ordem interativa, os quais transparecem a intersubjetividade da troca comunicativa. Em (19), *olha aqui* chama a atenção do ouvinte para a informação que se segue, adicionando a inferência de repreensão ao comportamento deste com rispidez. Já em (20), *olha lá* também chama a atenção do ouvinte sobre a informação que se segue, acrescentando a ideia de advertência e cuidado por parte do falante.

Alguns dados do italiano mostram usos téticos semelhantes aos MDs apresentados em (19) e (20), como o seguinte:

(21) NON vuoi fare l' amore con me? **Guarda qua**, io sono stato buono, tu no. Adesso però guardiamo cosa succede, altrimenti big, big, big problem... qua torna la polizia". Nelle intercettazioni della Mobile, e nelle registrazioni nascoste di una delle vittime, ci sono i riscontri ai ricatti sessuali del poliziotto dell' ufficio immigrazione alle donne in attesa del permesso di soggiorno (La Repubblica, 2021) / *Não quer fazer amor comigo? **Olha aqui**, eu fui bom, você não. Mas agora vamos ver o que acontece, do contrário, big, big, big problem... aqui a polícia volta". Na interceptação do celular e nos registros escondidos de uma das vítimas, estão os comentários aos crimes sexuais do policial do ofício de imigração das mulheres em espera da permissão de permanência.*

O fragmento (21) traz *guarda qua* isolado sintaticamente, formando um *chunk* cujas partes não podem ser lidas composicionalmente, uma vez que *guarda* como verbo e *qua* como locativo já não preenchem suas funções lexicais primeiras. Pelo contrário, esse *chunk* chama a atenção do ouvinte para a informação que se segue e dá ao enunciado um tom de ameaça e advertência.

Conforme os dados analisados nesta seção, constatamos que temos indícios, nos usos sincrônicos, que podem evidenciar a mudança translinguística no uso dos MD *olha* (no português) e *guarda* (no italiano). Constatamos também a formação de *chunks* a partir desses verbos, que atuam em prol da articulação textual-discursiva. A continuidade de nossa investigação, a partir do investimento em análise quantitativa e em observações mais acuradas do ponto de vista qualitativo, deverá trazer mais luz a nossos achados, que, em etapa futura, podem dar suporte a uma investigação histórica e mais substancial em prol da aferição das tendências de mudança aqui referidas.

## 6 Considerações finais

Como apresentamos neste artigo, no português o verbo *olhar* é a base para o MD *olha* e para diversos *chunks* da mesma categoria, como *olha aqui*, *olha lá*, *olha só* etc. No italiano, dados preliminares mostram também diversos usos téticos de *guarda* como MD e em *chunks* como *guarda un po'* e *guarda qua*. Seja no português ou no italiano, nesses MD verificamos a formação de bloco único de nova forma e novo conteúdo, que passa a integrar um categoria do nível pragmático da língua, funcionando na marcação do discurso. Assim convencionalizados, esses MD pertencem ao nível gramatical tético em ambas as línguas, partindo de uma forma verbal imperativa que passa a assumir a macrofunção de chamamento de atenção, no monitoramento da interação através da manipulação do espaço atencional idealizado virtualmente, por conta de propósitos comunicativos, como defendido por Sambrana (2021) para o português. A depender dos contextos de usos e dos itens selecionados para constituir o *chunk*, a função do MD se especifica.

Nas duas línguas, do mesmo modo, observamos usos mais lexicais e em outros mais procedurais – justamente aqueles que dão origem aos MDs, no plano gramatical tético –, o que salienta a gradiência e a variação desses itens na sincronia dos dois idiomas, ratificando a consideração de língua como um sistema adaptativo complexo, conforme Bybee (2010). Também é evidente tanto no português quanto no italiano a inserção dos MDs em contextos ora mais interativos e injuntivos, voltados para convite a inferências do interlocutor (TRAUGOTT; DASHER, 2002), na articulação da intersubjetividade estendida (TANTUCCI, 2018).

Esse *continuum* na sincronia das duas línguas demonstra tanto a feição translinguística dos processos de mudança quanto evidencia o quanto é difícil por vezes a classificação categorial discreta nos níveis gramaticais. Na verdade, conforme preconiza a LFCU, a gramática é emergente, isto é, está em transição e seu processo de convencionalização é constante, daí a variabilidade e a gradiência sincrônica que marcam os usos linguísticos.

Nossa pesquisa prevê etapas futuras, principalmente no que concerne ao italiano, uma vez que será preciso levantar mais dados a fim de fornecer uma análise sólida sobre os usos de *guarda* e seus contextos, considerando índices de frequência e identificando os MDs propriamente ditos. Intentamos ainda descrever os itens que com *guarda* forma *chunks*, como é o caso dos locativos *qui/qua*. Em seguida, uma comparação mais precisa poderá ser realizada entre as duas línguas, a fim de ratificar o resultado geral obtido como indício de tendência translinguística de mudança nos MD *olha* e *guarda*.

## Referências

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

- BARBOSA, G. **Os marcadores discursivos com “só” e “bem”**: uma proposta de rede construcional. 185 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2019.
- BYBEE, J. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA LACERDA, P. F. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Linguística**. Volume especial, p. 83-101, dez. 2016.
- DIESSEL, H. Usage-based linguistics. In: ARONOFF, M. (ed.). **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2017, p. 1-26.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013, p. 13-40.
- GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GHEZZI, C. Marcatori interazionali da verbi di percezione in italiano contemporâneo. In: **Anais da Conferência Internacional de Estudos de Craiova**. Craiova: Editura Universitaria Craiova, 2012, p. 136-146.
- HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. **On the rise of discourse markers**. **Researchgate**. Preprint, june, 2019, DOI: 10.13140/RG.2.2.31703.73129. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 27 de jun. 2019.
- HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, n. 56, v. 2, p. 251-299, 1980.
- KALTENBÖCK, G.; HEINE, B. Sentence grammar vs. Thetical grammar: Two competing domains? In: MACWHINNE, B.; MALCHUKOV, A.; MORAVCSIK, E. (eds.). **Competing motivations in grammar and usage**. Oxford: Oxford University Press, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/299883341>. Acesso: 06 de jun. de 2021.
- LO BAIDO, M. C. **Grammaticalizzazione, costruzioni e frasi comento in italiano parlato: uno studio empírico**. In: **Atti del LII Congresso Internazionale di Studi della Società di Linguistica Italiana**. Milano: 2019, p. 139-154.
- MOLINELLI, P. Orientarsi nel discorso: segnali discorsivi e segnali pragmatici in italiano. In: **Discorso e cultura nella língua e nella literatura italiana**. Craiova: Atti del V Convegno Internazionale di italianistica dell'Università di Craiova. Franco Cesati Editore, 2013, p. 195-208.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000
- OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. M. Neoanálise e analogização na formação de marcadores discursivos do português. **Estudos da Língua(gem)**, v. 18, n. 1, p. 25-44, 2020.
- RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore V. (org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. São Paulo: Unicamp, v. VI, 2002, p. 21-57.
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

- ROSÁRIO, I. C.; SAMBRANA, V. R. M. Análise funcional da construção conectora contrastiva “mas olha”. **Soletras**, n.41, v. 1, p. 216-234, 2021.
- ROST, C. A. Sistematizando as funções da linguagem para os itens “olha” e “veja”. In: **Anais da XX Jornada do GELNE**. João Pessoa, 2004, p. 481-488.
- SAMBRANA, V. R. M. **Construcionalização de marcadores discursivos formados por olhar e ver no português**. 178 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2021.
- SCHINELOTTO, C. Variação dos marcadores discursivos de base verbal nas línguas românicas. **Work. pap. linguíst.**, v. 9, n. 2, p. 41-56, 2008.
- TANTUCCI, V. From co-actionality to extended intersubjectivity: drawing on language change and ontogenetic development. **Applied Linguistics**. Nova Iorque: Oxford University Press, p. 1-31, 2018.
- TEIXEIRA, A. C. M. **A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso**. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2015.
- TRAUGOTT, E. A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. **Cadernos de Linguística**. Abralín, v. 2, n. 1, p. 1-25, 2021.
- TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Submetido em 25/02/2022

Aceito em 24/05/2022